



JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: CULTURA HISTÓRICA, TEORIA SOCIAL E PROJETOS HISTORIOGRÁFICOS COMPARADOS (1948- 2003)

Elisa Ferreira Teixeira¹

Resumo: Esta pesquisa é direcionada a tratar sobre as narrativas das experiências africanistas de dois intelectuais antirracistas: Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura, em que há a discussão sobre o colonialismo e racismo contemporâneos de uma perspectiva comparada, e a partir disso será possível enxergar os escritos, as ações e os projetos dos intelectuais abordados neste projeto, que trazem à tona temáticas importantes sobre as questões raciais no decorrer do século XX. Além disso, a pesquisa traz à tona a importância de conhecer as experiências vivenciadas por intelectuais dos dois lados do Atlântico, ou seja, da África e do Brasil, e com isso conseguir aproximar a história dos africanos e seus descendentes diaspóricos em seus diversos tempos e contextos. Assim sendo, o objetivo principal deste projeto é pesquisar e argumentar as narrativas sobre o colonialismo e racismo a partir de intelectuais que vivenciaram as experiências africanas e afro-brasileiras e discutiram as temáticas e questões raciais.

Palavras-chave: História da África; História do Brasil; Historiografia Comparada.

Introdução

O contexto adotado pela pesquisa diz respeito à descolonização do continente africano e consequente solidificação do protagonismo negro e pensamento antirracista. Sendo assim, tem-se o foco em dois intelectuais: Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura, que foram sujeitos históricos atuantes e participantes do contexto de combate ao racismo e mudança de significações acerca do entendimento sobre o negro e a sua história. Clóvis Moura pesquisava sobre a rebeldia negra e a luta de classes, tendo como foco o importante e ativo papel do negro na formação da nação. Ele defendeu que o intelectual deveria ser solidário às minorias, aos oprimidos, e por isso buscou enaltecer a importante participação do negro na constituição da sociedade brasileira. Colocou-se também como um dos porta-vozes dos negros em sua luta por uma verdadeira cidadania social e política, quando questiona o modelo atual de

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista de Iniciação Científica – CNPQ. E-mail: elisaferreira95@gmail.com. Orientada neste artigo por Elio Chaves Flores, professor doutor do curso de História da UFPB e orientador do PIBIC - CNPQ. E-mail: eliochavesflores@gmail.com. Esta pesquisa nasceu do projeto de Iniciação Científica intitulado “Mundo Negro, Mundo Atlântico: culturas históricas e intelectuais antirracistas na segunda metade do século XX (1948-2003)”, a partir do seguinte plano de trabalho: História e cultura histórica em Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura: teoria social e projetos historiográficos comparados (1948- 2003), na vigência de 2016-2017.

globalização, o capitalismo, etc. Moura pregava e vivia a verdadeira conduta do intelectual: exercer diariamente o papel da rebeldia, sendo um criador e procriador do desassossego e da dúvida, tomando partido do progresso das minorias. O autor teve a preocupação de contribuir com uma interpretação autêntica da realidade brasileira, e acima de tudo utilizou uma postura crítica e uma proposta radical de mudança da sociedade. Portanto, notamos que o Clóvis Moura esteve preocupado com a transformação social, e a partir disso norteou a sua postura intelectual. Além disso, Clóvis Moura procurou compreender as determinações sociais que dão sustentação ao racismo no modo de produção capitalista. Seu livro *Rebeliões da Senzala*, publicado em 1959, foi um trabalho que nasceu “clássico”, pois a partir da extensa e densa pesquisa sobre os quilombos e as suas resistências, esse autor conseguiu demonstrar a rebeldia do negro brasileiro, desconstruindo a visão do africano como “passivo” no período do escravismo.

Assim como Clóvis Moura, Joseph Ki-Zerbo também teve grande importância para os estudos acerca do papel do negro em nossa história. Nas suas obras, declarações e atividades temos a narrativa das contribuições da África para a civilização humana. A releitura de Ki-Zerbo lembra-nos que os desafios em torno da história são mais do que nunca fundamentais para o futuro da África negra, pois é preciso valorizar o passado e buscar a identidade através de uma memória coletiva, sobretudo num contexto em que a história foi transformada, ou seja, durante a colonização. Assim, notamos a preocupação que esse intelectual tem com a África, e por esse motivo lançou-se nos estudos da história para devolver à África a sua identidade perdida e a sua dignidade ultrajada. Duas preocupações fazem parte de toda a reflexão do Ki-Zerbo: a identidade e a educação. Ele sabia que a unidade política da África não se faria sem uma visão clara da identidade cultural das áreas de civilização africanas. Sendo assim, o projeto humano sugerido por ele estrutura-se a partir da reconstrução da identidade e do reconhecimento de um conjunto de valores. A finalidade deste enraizamento identitário é o desenvolvimento. Sabendo da importância da identidade, o que é que está na base do seu planejamento para tratar a questão da educação, tanto no plano teórico, como no prático? E mais uma vez esse intelectual é guiado pela preocupação com a África. Após ter restaurado a identidade outrora perdida da África, após ter devolvido a dignidade ao seu continente através das suas pesquisas históricas, a preocupação com a África do professor Joseph Ki-Zerbo passava necessariamente pela resolução da questão da educação. Tratava-se para ele, tanto no plano teórico como no prático, de trabalhar para uma educação que seria o motor do desenvolvimento da África.

Portanto, o aprofundamento das análises historiográficas sobre as narrativas, os testemunhos e as vozes do protagonismo antirracista nos traz uma importante necessidade histórica: compreender e produzir conhecimento sobre a população negra e o seu contexto. A história de vida, as experiências, os escritos, os relatos desses intelectuais irão fortalecer a

valorização e reconhecimento do papel histórico do negro em nossa sociedade. Sabendo disso, as narrativas antirracistas que formam a base dessa pesquisa são importantes para se compreender a história do século XX, pois esse novo olhar sobre a trajetória das sociedades humanas deve buscar uma perspectiva menos eurocêntrica e a inclusão de novos espaços e sujeitos na história.

Ideais pró-africanos em Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura

Joseph Ki- Zerbo nasceu no dia 21 de junho de 1922, em uma aldeia do nordeste da colônia recém-constituída do Alto Volta, no meio do império francês da África Ocidental. A época colonial marcou a sua primeira infância e a educação, pois ele nasceu em um momento de consolidação da presença europeia na África, onde o ensino era marcado por um caráter ao mesmo tempo francês e colonial, o que implicava em uma extirpação dos africanos das suas raízes, causando a imersão num quadro ocidentalizado. Ki-Zerbo atingiu a idade adulta durante o período anticolonial em que os africanos lutavam pela independência. Sabendo disso, é perceptível o envolvimento desse intelectual nas lutas e nas resistências africanas, pois ele nasceu e cresceu em um ambiente que estava sendo atingido pelo colonialismo e, conseqüentemente, por todas as feridas e cicatrizes que esse sistema carrega. Apesar desse contexto, ele nunca abandonou as suas raízes e a sua história. Através dessa conjuntura, Ki-Zerbo pertenceu a uma geração de intelectuais e militantes bem enraizados na identidade e na cultura africanas, o que teve um peso significativo em toda a sua vida, pois ele foi considerado e conhecido como um dos estudiosos mais ativos em prol das causas do seu povo.

A preocupação com a história e a memória africanas são questões de grande relevância nas suas obras e escritos:

Se o professor Joseph Ki-Zerbo se lançou nos estudos de história, é realmente porque, para ele, o estudo da história é a primeira coisa a fazer-se para devolver à África a sua identidade perdida e a sua dignidade ultrajada. É porque ele estava convencido de que a transformação técnica do continente passava necessariamente por um trabalho de redescoberta da memória africana. Este objetivo não constitui nenhuma dúvida no seu caso. Pode-se notar isso e na sua obra há passagens significativas que refletem esta ideia (CODESRIA, 2007, p. 18).

O cuidado com a escrita e a busca das fontes sobre a história da África está presente em basicamente todas as formulações do Ki-Zerbo, pois ele deixou claro que o zelo e a atenção na estruturação das suas obras fazem com que as pessoas enxerguem o verdadeiro significado da África e dos seus sujeitos históricos, que se fazem presentes no desenvolvimento dos vários momentos e episódios que compõem a história da humanidade:

Assim, Ki-Zerbo não negligenciou nenhum traço da história, material ou imaterial: da tradição oral às ciências auxiliares da história, como a

arqueologia e a linguística. As marcas do passado de África foram procuradas em todo o lado, nas obras de arte, nos quadros geográficos. Não deixou também de confrontar o método histórico com o de outras disciplinas como a etnologia e a antropologia cultural (CODESRIA, 2007, p. 16).

Além da preocupação com a história, outros dois pontos são revelados nas suas reflexões e formulações: a identidade e a educação. No que diz respeito à identidade, Ki-Zerbo tinha as seguintes certezas:

Minha ideia (...) é que a África deve constituir-se através da integração, que não existe verdadeiramente hoje. É pelo seu “ser” que a África poderá realmente vir a tê-la; mas é preciso um ter autêntico, não um ter de esmola, de mendicidade. Trata-se do problema da identidade e do papel a desempenhar no mundo. Sem identidade, somos um objeto da história, um instrumento utilizado pelos outros, um utensílio. E a identidade é o papel assumido; é como numa peça de teatro, em que cada um recebe um papel para desempenhar (KI-ZERBO, 2006, p. 12).

Já no que concerne às questões educacionais, Ki-Zerbo também pesquisou e desenvolveu importantes entendimentos para que o continente africano conseguisse ultrapassar os obstáculos que foram impostos durante décadas, ou até mesmo séculos. Esse intelectual entendia que uma sociedade que se renuncia a apoiar a sua juventude e desenvolver as ferramentas para a promoção ideal está enterrando o seu próprio futuro. Por esse motivo, é preciso identificar os problemas e desafios da educação na África, e também é relevante entender o histórico educacional e tentar direcionar ações para o melhoramento da educação. É sabido que o sistema educacional africano foi muito atingido pelo colonialismo, e, conseqüentemente, pela subordinação aos interesses europeus. Após as independências, temos o desenvolvimento de um novo olhar sobre a educação, mas, apesar da libertação do jugo colonial, a África sofre uma estagnação econômica, social e política. Sendo assim, uma economia negativa só pode acompanhar o declínio da educação. E, por esses motivos, a educação africana deve ter o foco em mudanças e melhorias, e deve ser pensada para se adequar ao seu contexto. Além de identificar os vários problemas educacionais africanos e elaborar respostas para essas questões, Ki-Zerbo também se preocupa com a prática, e por isso tem um significativo engajamento na promoção de uma escola que realmente faça a diferença, como exemplo temos a participação dele na criação do Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano (CEDA), do Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Endógeno (CRDE) e a sua contribuição para a criação do Conselho Africano e Malgaxe para o Ensino Superior (CAMES).

E mais uma vez esse intelectual é guiado pela preocupação com a África. Após ter restaurado a identidade outrora perdida da África, após ter devolvido a dignidade ao seu continente através das suas pesquisas e estudos históricos, a atenção com a África passava necessariamente pela resolução da questão da educação. Tratava-se para ele, tanto no plano

teórico como no prático, de trabalhar para uma educação que seria o motor do desenvolvimento da África.

Clóvis Steiger de Assis Moura nasceu na cidade de Amarante, no Piauí, em 1925, sendo membro de uma família de classe média-baixa, e filho de mãe branca e pai negro. Moura defendeu que o intelectual deveria ser solidário às minorias, aos oprimidos, e por isso buscou enaltecer a importante participação do negro na constituição da sociedade brasileira. Colocou-se também como um dos porta-vozes dos negros em sua luta por uma verdadeira cidadania social e política, quando questiona o modelo atual de globalização, o capitalismo, etc. Moura pregava e vivia a verdadeira conduta do intelectual: exercer diariamente o papel da rebeldia, sendo um criador e procriador do desassossego e da dúvida, tomando partido do progresso das minorias.

Nas suas obras, esse intelectual procurou mostrar o outro lado da história, trazendo a partir disso uma nova compreensão das ações e participações do negro em diferentes episódios históricos. Ele conseguiu demonstrar que o escravizado não foi um sujeito passivo, mas sim lutou e resistiu para conseguir superar o sistema que estava lhe sendo imposto. Um grande exemplo dessas formulações encontra-se no livro *Rebeliões da Senzala*, que tem o objetivo de derrubar as concepções sobre a passividade e a docilidade do escravo, muito enraizadas na maneira de entender e escrever a história sobre esse momento. Sendo assim, esse livro abriu uma vertente que levaria, nos anos seguintes, a um reconhecimento da luta escrava e sua importância para o desenvolvimento da sociedade brasileira:

Vários trabalhos e pesquisas surgiram procurando ver o negro escravo não apenas como objeto histórico, mas, também, como seu agente coletivo. As discussões aumentaram em face de outro componente da realidade: a conscientização progressiva da comunidade negra, especialmente nas grandes cidades e que iniciou a questionar o problema da história oficial do Brasil especialmente no que diz respeito ao papel do negro escravo não apenas na *construção da riqueza comum*, mas como contestador da construção desse tipo de riqueza, da qual ele foi sistemática e totalmente excluído (MOURA, 1981, p. 11).

Ao estudar e sistematizar o conhecimento de nosso passado, e demonstrar que a história da história da escravidão faz parte do desenvolvimento da história de nosso povo, Clóvis Moura aprofundou a consciência antirracista das gerações seguintes de historiadores e militantes brasileiros. Na introdução do livro *Brasil: raízes do protesto negro*, Moura afirma que o ciclo de estudos sobre essas temáticas começou com o livro *Rebeliões da senzala*, já mencionado, e também procura mostrar que essas obras tinham como preceito questionar a problemática do negro nesse momento histórico. Além disso, o autor também pontua importantes informações acerca dos objetivos dessas obras:

Este primeiro ciclo procurou demonstrar a situação do negro atualmente, as origens históricas deste posicionamento social na nossa estrutura, a ideologia

racista subjacente do brasileiro, e, através desta constatação, injetar consciência crítica e revolucionária na comunidade negra e nas camadas e segmentos realmente democráticos no país. (...) Atingido por um impacto secular que atua negativamente na formação da sua personalidade, da sua economia individual, familiar e/ou grupal, o negro brasileiro tem sido visto como uma peça subsidiária na nossa formação econômica, social e cultural, mesmo durante o regime do escravismo colonial. (...) Neste quadro contraditório e complexo o negro tem sido, mais um vez, o grande logrado e perseguido. Na esteira de uma política elitista e autoritária, rearticula-se o racismo e a violência é dirigida, fundamentalmente, contra o negro marginal, o operário negro, o cidadão negro de um modo geral, ou daqueles que descendem de matrizes africanas (MOURA, 1983, p. 9-10).

Durante os anos 1980 até 2000, Clóvis Moura publicou mais de 20 títulos, entre livros e artigos, tratando quase sempre sobre a resistência negra ao escravismo. Ao mesmo tempo, Moura manteve ligação, nos anos 1970, com o movimento negro que se reorganizou no pós-ditadura militar (1964-1989), por meio de entidades como o MNU (Movimento Negro Unificado) e a Unegr o (União dos Negros pela Igualdade).

A partir dessas informações, percebe-se que esse intelectual foi um dos responsáveis em identificar o negro do Brasil como protagonista e sujeito da sua própria história. Sendo assim, percebemos que Ki-Zerbo e Moura tem muitos pontos em comum, e, o mais forte, é o que diz respeito à questão da escrita da história, pois ambos se preocuparam em trazer um novo olhar, uma nova versão dos fatos e momentos históricos que envolvem a história dos africanos e afro-brasileiros. A maior diferença entre esses dois intelectuais é o contexto de cada um, mas, os objetivos e as preocupações de ambos chegam a um mesmo ponto: a valorização da história e cultura africanas. Ao reconhecerem os problemas causados pelo colonialismo, pela solidificação da cultura branca como sendo a dominante, pelo menosprezo à história negro-africana, eles usam de vários meios para fazer com que as trajetórias e as lutas africanas não sejam ignoradas e muito menos esquecidas.

Narrativas historiográficas sobre o negro na África e no Brasil

Nas obras de Clóvis Moura há importantes compreensões e discussões acerca das temáticas e questões que colocam o negro como sendo o personagem principal de seus estudos. A partir dessas pesquisas, esse intelectual traz à tona acontecimentos que nos fazem compreender a história e as suas múltiplas facetas, evidenciando as ações da comunidade negra desde a época colonial. Moura evidencia as várias características do sistema escravista, e, conseqüentemente, o que causou à população afro-brasileira. No livro *Brasil: as raízes do protesto negro*, esse autor discute as influências que a escravidão negra causou no comportamento da sociedade brasileira e demonstra que esse sistema os dominou profundamente:

O sistema escravista imporá o seu ritmo de desenvolvimento e crescimento a todos os demais níveis de interação da sociedade brasileira, fazendo-nos, como não podia deixar de ser, em consequência do pequeno nível de dinamismo desse tipo de sociedade, um país com atrasos históricos, sociais, políticos e culturais imensos (...). O sistema escravista determinou em toda a extensão geográfica do Brasil o seu ritmo de desenvolvimento e o conteúdo fundamental das suas relações interétnicas (MOURA, 1983, p. 15).

E no que diz respeito às relações interétnicas, o autor tem as seguintes afirmações:

Quanto ao conteúdo das relações interétnicas veremos, (...), como foi montado pelas classes dominantes, quer no Brasil Império ou República, um mito ideológico escamoteador de uma realidade altamente conflitante: o mito da *democracia racial*. Este engodo ideológico surgiu da necessidade de o colonizador português estabelecer dobradiças amortecedoras das contradições raciais que se apresentavam como ameaça de conflito social e racial permanente (MOURA, 1983, p. 16).

Sabemos que o conceito de democracia racial refletia a seguinte determinação: negros e brancos têm uma convivência harmônica, e desfrutam de oportunidades iguais de existência, sem interferência de origens raciais ou étnicas. Ao que parece há um objetivo não expresso no âmbito dessa formulação: o racismo mascarado, que tem como finalidade negar ao negro a possibilidade de se autodefinir, tirando-lhe os meios de identificação racial. É exatamente nessa negação do direito do autorreconhecimento identitário que se encontra a chave para a dominação e exploração da população negra no Brasil, pois atua como fator que imobiliza e desmotiva qualquer tipo de organização que vise questionar a real condição desta conjuntura.

Moura também afirma que há outra problemática que ronda esses assuntos: a falta de interesse por parte dos historiadores e pesquisadores de entender esse momento histórico. As modernas pesquisas sobre o negro fazem simples levantamentos sobre os graus de preconceito racial, de marginalização e criminalidade na comunidade negra. Contudo, não há uma preocupação em colocar as problemáticas que o envolvem ligadas às suas raízes históricas. Situa-lo historicamente é vê-lo como agente dinâmico desde o período da escravidão do Brasil, e também revalorizar as ações e iniciativas da comunidade negra, colocando à tona as suas resistências e os seus personagens históricos. Assim, percebemos que é preciso estudar e entender a real participação do negro no decorrer da nossa história:

Olhando o negro brasileiro sem ter estudado o seu comportamento no passado, a não ser através de uma ótica acadêmica, mitificam grande parte da nossa história social, desvalorizam fatos como Palmares e a constante insurreição negra, supervalorizam alguns fatos secundários, tudo determinado pela necessidade de comprovar seus esquemas metodológicos (MOURA, 1983, p. 29).

Este intelectual também colocou à tona um importante assunto: as resistências negras. A partir do livro *Rebeliões da senzala*, ele demonstra que, ao contrário do que se formulou

durante décadas, o negro foi um agente ativo no período da escravidão. A visão de que o negro apenas obedecia e se calava diante desse sistema foi revista e uma nova maneira de entender esse cenário apareceu, e o Clóvis Moura tem grande participação no desenvolvimento dessas inovações historiográficas. A participação dos escravos nos movimentos políticos que ocorreram durante a Colônia e o Império foi por causa da situação em que se encontravam:

Não por acaso era considerado simples coisa, pois, dentro do regime escravista, não passava, efetivamente, de um instrumento. Não vendia a sua força de trabalho, mas era considerado pelo senhor de escravos um simples instrumento de trabalho, de vez que o direito de propriedade se estendia à própria pessoa do escravo. Sem falarmos na situação material em que viviam e a que estavam submetidos através de diversos métodos de coerção social (...) (MOURA, 1981, p. 55-56).

Este contexto levou os escravos a participarem, desde muito cedo, das lutas, levantamentos e rebeliões. Para exemplificar a participação dos cativos, o autor usa alguns movimentos e situações em que os mesmos estiveram presentes, e nesse ambiente o surgimento dos quilombos teve grande relevância:

O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do sistema servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito a determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias mesológicas favoráveis, ele podia afirmar-se. Não. O quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Não era simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, constituindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa. O quilombo não foi, portanto, apenas um fenômeno esporádico (MOURA, 1981, p. 82).

Além de Clóvis Moura demonstrar a importância que a história passada tem sobre o presente da população negra, esse autor também nos mostra como o negro é retratado e entendido em vários momentos da historiografia brasileira. No livro *As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira* há a discussão sobre a compreensão do negro desde os meados da nossa história, colocando à tona os dizeres e os saberes de alguns historiadores: Frei Vicente de Salvador, Varnhagen, Euclides da Cunha, etc. Para exemplificar a importância dessa obra, usarei as opiniões de Euclides da Cunha e o contexto social em que estava inserido, onde há o entendimento sobre a questão do “branqueamento” do nosso país. No final do século XIX, as teorias raciais foram fortemente introduzidas entre os intelectuais brasileiros, e a partir das mesmas entendeu-se que a mistura de raças era prejudicial e que um país formado por raças muito diferentes estava fadado à decadência:

Euclides da Cunha surge naquele momento em que a “biologização” da história (...) procurava explicar o nosso atraso social, político e cultural através da nossa composição racial. O problema das raças superiores e inferiores e a sua influência na composição demográfica do Brasil seriam os parâmetros explicativos do nosso progresso ou da nossa estagnação. (...) O Brasil seria tanto mais civilizado quanto mais branqueamento, quanto maior fosse o percentual de “sangue branco” na sua população. O negro passou a ser o pretexto através do qual se explicava o nosso subdesenvolvimento (MOURA, 1990, p. 185).

Percebe-se que o pensamento de Clóvis Moura produziu um outro viés sobre o entendimento do nosso passado e da nossa atualidade, centrado no sujeito coletivo negro, a partir de sua condição inicial de escravo. Moura estabeleceu, através da análise dos quilombos e das numerosas insurreições escravas, uma nova interpretação da formação da sociedade brasileira. Este autor observou que a nossa sociedade se formou através de uma contradição fundamental, senhores versus escravos, e que esta relação foi pautada por extrema violência, sendo um dos aspectos centrais do sistema escravista. Clóvis Moura remete-se à vertente marxista quando relaciona o negro como o sujeito histórico da sua própria transformação e quando observa que as relações de produção têm como base o racismo. A noção de *práxis* é a categoria-chave para pensar uma tradução do marxismo europeu para um, pode-se dizer, marxismo *enegrecido*. É a *práxis*, considerada como ação de rebeldia e resistência ao escravismo, que confere ao negro o papel de sujeito de sua própria história. Sendo assim, a *práxis* negra está correlacionada com o processo de reconstrução simbólica do negro como sujeito político de seu tempo.

Nos escritos de Joseph Ki-Zerbo há importantes interpretações sobre a história da África e as suas várias problemáticas. Na introdução do livro *História geral da África* este autor utiliza-se de uma importante afirmação - “A África tem uma história”. A frase deste estudioso se coloca frente a uma história de negação que deixou fortes rastros de ignorância e incompreensão sobre a experiência africana. Além disso, Ki-Zerbo traz outras opiniões significativas para o entendimento dos seus objetivos como historiador das sociedades africanas:

As sombras e obscuridades que cercam o passado desse continente constituem um desafio apaixonante para a curiosidade humana. A história da África é pouco conhecida. Quantas genealogias mal feitas! Quantas estruturas esboçadas com pontilhados impressionistas ou mesmo encobertas por espessa neblina! Quantas sequências que parecem absurdas porque o trecho precedente do filme foi cortado! Esse filme desarticulado e parcelado, que não é senão a imagem de nossa ignorância, nós o transformamos, por uma formação deplorável ou viciosa, na imagem real da história da África tal como efetivamente se desenrolou. Nesse contexto, não é de causar espanto o lugar infinitamente pequeno e secundário que foi dedicado à história africana em todas as histórias da humanidade ou das civilizações (KI-ZERBO, 2010, p. 22).

Os entendimentos de Ki-Zerbo lembram-nos que os desafios em torno da disciplina histórica são mais do que nunca fundamentais para o futuro da África negra. Embora a historiografia ocidental tenha intencionalmente ficado silenciosa em relação à historiografia africana, Ki-Zerbo e os seus pares estavam lá para consertar essa situação. Além disso, “Ki-Zerbo e os seus pares tiveram também que criar os instrumentos e abordagens necessários usando uma amostra de tradições que davam uma luz sobre o passado da África (...)” (CODESRIA, 2007, p. 48). Na introdução do livro *História geral da África* há também a discussão deste intelectual sobre as dificuldades de manusear as fontes que se remetem à África. A dificuldade que mais ocorre é a que envolve a ausência de documentos escritos, e por causa disso o estudioso da história africana deve estar atento a todas as possibilidades de fontes que podem aparecer, pois sabemos que a pesquisa histórica não se resume apenas às datas de batalhas, tratados, nomes de príncipes, presidentes, etc. A tradição oral e a arqueologia ocupam um espaço importante para esses estudos, pois abrem um leque de possibilidades para entender os vários momentos da história deste continente. Essas três fontes são apoiadas pela linguística e pela antropologia, que permitem aprofundar a interpretação dos dados. Assim sendo, é perceptível identificar a relevância que os sujeitos e os acontecimentos históricos têm sobre o continente africano:

O homem é um animal histórico. O homem africano não escapa a esta definição. Como em toda parte, ele faz sua história e tem uma concepção dessa história. No plano dos fatos, as obras e as provas de sua capacidade criativa estão aí sob nossos olhos, em forma de práticas agrárias, receitas de cozinha, medicamentos da farmacopeia, direitos consuetudinários, organizações políticas, produções artísticas, celebrações religiosas e refinados códigos de etiqueta. Mas sendo a consciência histórica um reflexo de cada sociedade, e mesmo de cada fase significativa na evolução de cada sociedade, compreender-se-á que a concepção que os africanos possuem de sua própria história e da história em geral seja marcada por seu singular desenvolvimento (KI-ZERBO, 2010, p. 23).

Portanto, a coleção *História Geral da África* pretendeu se pautar nos quatro grandes princípios que Ki-Zerbo destacou na introdução do primeiro volume. O primeiro princípio se remete a um importante meio para o aprimoramento do estudo da história do continente africano: a interdisciplinaridade. Para entender as conjunturas, os processos históricos e a maneira como as informações foram produzidas é fundamental o auxílio de outras disciplinas, como antropologia, linguística, entre outras. Outro importante ponto de partida seria buscar sempre apresentar a história a partir do ponto de vista africano, percebendo a reciprocidade das influências e as ações que partiram dos africanos na construção de sua história. O terceiro princípio seria o de apresentar a história dos povos africanos em seu conjunto, não numa perspectiva simplista, buscando entender as conexões e trocas, bem como as semelhanças entre as muitas sociedades que compõem o continente. E por último, o quarto princípio seria o de evitar o meramente factual, ou seja, uma história de eventos desagregados, que trouxe

tantos pontos negativos à aprendizagem crítica, e ao entendimento das relações entre os sujeitos e acontecimentos históricos.

Além de se preocupar com a escrita e metodologia da história africana, Ki-Zerbo também discute outros assuntos de grande destaque para este continente. No segundo volume do livro *História da África negra*, este estudioso aborda os problemas africanos de hoje, demonstrando como a África está em relação ao contexto global, o seu peso econômico e as influências que este continente tem sobre os acontecimentos mundiais. Na agricultura, a África ocupa um lugar importante no que se refere a alguns produtos, mas, mesmo assim, esta posição é frágil. No que diz respeito à energia, este continente tem uma importante e significativa produção, porém está longe em relação a outros países. A fraqueza maior da África, segundo Ki-Zerbo, é a industrialização, e esta fraqueza é ocasionada em grande parte por causa do passado colonial, que fez destas terras simples fornecedoras de matérias-primas. Para este intelectual, a solução para a África encontra-se em três pilares: a produtividade, o incitamento ao trabalho e a unidade:

A África nova, esta África que se apresentará cada vez mais sem fronteiras, deve escolher entre ser um objeto da história e uma força atuante a escrever a sua própria história. E, se me pedissem que indicasse, por ordem de prioridade, os elementos que dependem dos próprios africanos, os dois fatores-chaves desta promoção, eu designaria a formação dos homens e a unidade. E, se insistissem em que eu escolhesse ainda entre os dois o fator decisivo, faria minhas de bom grado as palavras do sábio antigo: “Dêem-me uma alavanca e levantarei o mundo”. Eu traduziria: “Construamos a unidade e faremos arrancar a África” (KI-ZERBO, 1999, p. 371).

O livro *Para quando África?* também traz assuntos relevantes para entender o momento atual do continente africano. Ki-Zerbo discute várias questões: a globalização, a democracia e governo, os direitos humanos, a ciência, o desenvolvimento e o renascimento africano. No primeiro momento, este intelectual reflete sobre a questão do Estado no continente africano, e afirma que seus dirigentes fazem dos Estados africanos Estados patrimoniais (ou ainda étnicos), que não são um Estado verdadeiro para o autor. A solução é, então, a integração do continente, na tentativa de reverter o quadro de fragmentação resultante dos processos de independências. E a integração se dá pela identidade, cujas línguas e respectivas culturas são fatores de união.

Ainda transitando por temas como a guerra e a paz, direitos humanos, democracia e governo, e, principalmente, renascimento africano, Ki-Zerbo afirma que o pacto colonial dos séculos XVI/XIX ainda hoje perdura: “Alguns Estados nacionais desempenharam o papel de locomotiva e outros desempenham, há alguns séculos, o papel de vagões” (2006, p. 23). No que diz respeito às questões que envolvem as guerras, este pensador afirma que as organizações internacionais e as multinacionais assumem a direção dos Estados, e, a partir disso, notamos que os povos africanos não são nada para as mesmas: “Por vezes, elas não

hesitam em suscitar rebeliões para enfraquecer o país com o qual negociam, porque elas podem intervir quando há adversários (...), mas, se não há rebeliões, elas ficam enfraquecidas para negociar” (2006, p. 46). Para Ki-Zerbo, no que concerne as questões que envolvem a democracia e o governo, a África não pode continuar eternamente prisioneira das fronteiras que o colonizador impôs, e, por isso, é necessária uma refundação de tipo federal, tendo por base uma descentralização máxima para entidades realmente autênticas. No capítulo em que há a discussão sobre os direitos humanos, este intelectual aborda um importante assunto: a situação das mulheres no continente africano. Ki-Zerbo afirma que a colonização deteriorou a situação das mulheres em matéria de saber, pois não havia educação para elas. E, atualmente, também há dificuldades, como exemplo temos as limitações no conhecimento e na instrução, os casamentos precoces, os trabalhos domésticos, entre outros. Apesar de todas essas características e problemáticas, Ki-Zerbo declara que no final das contas a consciência prevalece, mostrando uma inatingível confiança no curso da história, onde a África conseguirá ficar de pé, desenvolvendo a sua própria trajetória e memória.

Cultura histórica e pensamento antirracista em Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura

Com base nos escritos e práticas de Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura podemos notar um significativo discurso histórico acerca das décadas em que estão inseridos, anos estes em que as questões do colonialismo e racismo estavam em foco. A partir da produção histórica desses dois intelectuais é possível visualizar o contexto de ambas as realidades vivenciadas por eles, de um lado temos Joseph Ki-Zerbo, importante intelectual que empreendeu ações e metodologias para trazer à África uma história construída pelos seus filhos, e desenvolvida para que as pessoas conheçam os grandes feitos dos seus personagens e contextos históricos. Ele também coloca a educação e a busca pela unidade e identidade como meios importantes para o alcance de uma sociedade que é capaz de escrever a sua própria história. Do outro lado, temos Clóvis Moura mostrando o contexto vivenciado pelo negro no Brasil, colocando à tona relevantes discursos para entender essa conjuntura em que o racismo e a inferiorização do negro sempre estão presentes, e por isso a resistência e a força são cruciais para o alcance de uma sociedade igual para todos. Ao vivenciarem essas realidades eles produzem história e participam da história, e colocam as suas opiniões e planos como caminhos para solucionar questões importantes para o alcance da valorização e reconhecimento da história e cultura africanas.

Sabendo da importância que esses dois intelectuais têm sobre a escrita da história africana e afro-brasileira, é também preciso entender o significado da *cultura histórica*, pois a partir disso entenderemos a forte ligação que ambos têm com esse conceito:

Com efeito, a opção por cultura histórica busca traduzir o circuito da qualificação profissional necessária à operação histórica: a formação teórico-metodológica, a análise das experiências históricas e culturais e as formas de recepção dos conhecimentos produzidos. Entendeu-se, também, que é necessário explorar um campo de pesquisas inovador no que se vem designando como cultura histórica, tanto no que concerne aos saberes históricos escolares (formação do historiador e ensino de história) quanto na produção e difusão de uma tradição escrita e midiática à margem da ciência histórica propriamente dita, mas com notável disseminação na contemporaneidade. Dessa forma, ao se reconhecer que a cultura histórica não está exclusivamente presa ao ofício do historiador, é necessário que se aprofundem as pesquisas para a própria existência da comunidade de historiadores (FLORES, 2007, p. 85).

Ademais, o professor e historiador Elio Chaves Flores também afirma:

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais (2007, p. 95).

Para Jörn Rüsen (2006), a consciência histórica é o alicerce de todo aprendizado histórico. O aprendizado histórico é, para a cultura histórica, a transformação reflexiva da experiência em história. A cultura histórica é uma articulação prática desenvolvida pela consciência histórica na vida de uma sociedade. Como consequência da consciência, essa cultura requer a subjetividade humana, e também a motiva. Sendo assim, essa cultura se constitui pela cadeia da memória e das experiências. O ambiente cultural de cada sujeito ou sociedade é, pois, a condição de possibilidade da produção da história correspondente ao respectivo meio.

Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura são exemplos dessa nova maneira de escrever e compreender a história, pois a partir dos seus dizeres e saberes é possível visualizar o poder revelador e inovador que a histórica carrega. No livro *Para quando África?* Ki-Zerbo retrata o caráter inventivo da narração histórica:

A história anda sobre dois pés: o da liberdade e o da necessidade. Se considerarmos a história na sua duração e totalidade, compreenderemos que há, simultaneamente, continuidade e ruptura. Há períodos em que as invenções se atropelam: são as fases da liberdade criativa. E há momentos em que, porque as contradições não foram resolvidas, as rupturas se impõem: são as fases da necessidade. Na minha compreensão, os dois aspectos estão ligados. A liberdade representa a capacidade do ser humano para inventar, para se projetar para diante, rumo a novas opções, adições, descobertas. E a necessidade representa as estruturas sociais, econômicas e culturais que, pouco a pouco, vão se instalando, por vezes de forma subterrânea, até se imporem, desembocando à luz do dia uma configuração nova (KI-ZERBO, 2006, p. 17).

A ideia de a história caminhar sobre dois pés fortalece significativamente os objetivos dos sujeitos e comunidades que querem uma ruptura com o conhecimento construído a partir do conhecimento ocidental e razão imperial/colonial, que anulou as experiências de povos fora do eixo eurocêntrico, sendo o continente africano um grande exemplo das consequências que essa conjuntura estabeleceu. Portanto, quando Ki-Zerbo diz que “*não podemos separar os dois pés da história, a história necessidade e a história-invenção*” (2006, p. 17), ele está demonstrando que no momento oportuno a primeira se impõe para que o sujeito invente novos caminhos e novos entendimentos capazes de romper com o projeto excludente imposto pelo contexto imperial/colonial, onde as identidades construídas pelos discursos europeus eram voltadas para as perspectivas raciais. Do mesmo modo, concede uma visão ampliada sobre a história africana, sempre mal traduzida pelo olhar desta mesma tradição europeia: “*não se trata aqui de construir uma história-revanche, que relançaria a história colonialista como um bumerangue contra seus autores, mas de mudar as perspectivas e ressuscitar imagens ‘esquecidas’ ou perdidas*” (2010, p. 32). Clóvis Moura também mostra como o pensamento eurocêntrico penetra os dizeres e os saberes dos intelectuais e, conseqüentemente, a sua maneira de escrever a história dos afro-brasileiros:

No caso particular que analisamos – a historiografia brasileira – podemos verificar como é uma produção feita por intelectuais orgânicos do escravismo ou do capitalismo dependente que o sucedeu, com o objetivo ideológico de barrar as populações oprimidas, através da discriminação racial. Durante os anos em que essa produção se verificou a sociedade brasileira teve nesses historiadores ou municidores de uma história que, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, refletia os interesses das estruturas de poder dominantes, municia-va-as de combustível ideológico e contribuía para que se tivesse uma visão alienada dos verdadeiros agentes históricos que impulsionavam a dinâmica emergente da sociedade brasileira (MOURA, 1990, p. 216).

Portanto, a expectativa é que a partir de novas bases teóricas e metodológicas o continente africano seja reconhecido enquanto possuidor de uma autonomia histórica milenar, não mais subsidiário dos feitos europeus. Além disso, ao repensar e refletir sobre a história negro-africana, estes intelectuais estão proporcionando um pensamento antirracista, que é primordial para a existência de uma sociedade em que a convivência e o respeito à diversidade sejam realmente colocados em prática.

Considerações finais

O estudo do colonialismo e do racismo desvenda a realidade da opressão e da violência, e faz com que se tenha consciência dos meios usados para a criação de valores, concepções e atitudes preconceituosas que favorecem apenas às classes dominantes da sociedade. Joseph Ki-Zerbo e Clóvis Moura identificam os meios de opressão, as ideologias, a falsa

generosidade do dominador, a valorização do silêncio, do desconhecimento e da alienação do oprimido como formas de manutenção dos privilégios dos detentores do poder. E mais do que isto, eles sugerem maneiras e projetos para a população africana e os seus descendentes libertarem-se da opressão e do silêncio impostos.

Com base no que foi demonstrado, é evidente a relevância que tanto Joseph Ki-Zerbo quanto Clóvis Moura possuem para o contexto adotado na pesquisa. Além de discutirem importantes pontos acerca das questões raciais, eles também ajudaram no combate à inferiorização da história e cultura africanas. A partir das narrativas e experiências desses dois intelectuais tem-se um novo olhar sobre a história da África e dos seus descendentes, e também surge a reafirmação da importância dos testemunhos e vozes do protagonismo antirracista. Ki-Zerbo demonstra-nos o contexto e a situação da África e dos seus filhos, evidenciando os obstáculos e as soluções usadas para afastar a mancha que o colonialismo deixou na história e na vida dos seus irmãos. E Moura nos traz as visões e opiniões sobre a realidade do negro no Brasil, explicitando as adversidades e os estigmas que fazem parte do dia-a-dia da população afro-brasileira. Assim sendo, cada um, da sua maneira, demonstra uma questão relevante para a história desses povos: a visualização da situação do negro em ambos os lados do Atlântico, e os caminhos usados para a melhoria de vida e valorização da cultura e tradição das populações africanas e afro-brasileiras.

Referências bibliográficas

- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Sá de Costa Editora, 1978.
- FLORES, Elio Chaves. A nação amada, a nação fustigada: percursos, racionalidades e variações da história comparada. *Rev. hist. comp.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 82-110, 2015.
- RÛSEN, Jorn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir. (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-137.
- KODJO, Edem; CHANAIWA, David. Pan-africanismo e Libertação. In: *História geral da África - vol. VIII*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 897-924.
- PEREIRA, Amilcar Araujo. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas; FAPERJ, 2013.
- MAZRUI, Ali A; AJAYI, J. F. Ade. Tendências da filosofia e das ciências na África. In: *História Geral da África - vol. VIII*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 761-815.
- MESQUITA, Érika. Clóvis Moura e a sociologia da práxis. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 3, p. 557-577, 2003.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a Sociologia da Práxis Negra*. Niterói: UFF/PPGSD - [Dissertação de Mestrado em Ciências jurídicas e Sociais], 2009.
- OLUKOSHI, Adebayo; NYAMNJOH, Francis B. (Orgs.). *Homenagem a Joseph Ki-Zerbo*. CODESRIA Boletim, n.s 3 e 4, 2007.

- FLORES, Elio Chaves. Historiografia africanista e historiografia africana: leituras comparativas e epistemológicas. In: Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História. Campina Grande: ANPUH-PB, p. 633-644, 2014. ISSN: 2359-2796.
- MOURA, Clóvis. Rebeliões da Senzala. 3.ed. São Paulo: LECH, 1981.
- MOURA, Clóvis. As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- MOURA, Clóvis. Brasil: raízes do protesto negro. São Paulo: Global Ed., 1983.
- MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- KI-ZERBO, Joseph. Para quando África?: entrevista com René Holenstein. Trad. Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- KI-ZERBO, Joseph. Éduquer ou Périr. Paris: UNICEF; Éditions L' Harmattan, 1990.
- KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. 3.ed. vol.1. Trad. Américo de Carvalho. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.
- KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. 2.ed. vol.2. Trad. Américo de Carvalho. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.
- KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, vol. I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- FLORES, Elio Chaves. Dos feitos e dos ditos: história e cultura histórica. Saeculum- Revista de história, João Pessoa, v. 16, p. 83-102, jan/jun. 2007.
- GÓES, Weber Lopes; CORREIA, Renato Pereira. Clóvis Moura: delineamentos gerais para a superação do racismo à brasileira. Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), São Paulo, v. 19, n.34, p. 174-185, 2015.